

humanitas

Vol. XXXI-XXXII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXI-XXXII



COIMBRA

MCMLXXIX-MCMLXXX

texto sagrado e o texto religioso não tinham o estatuto do texto clássico e podiam não conduzir a preocupações de *emendatio* de igual natureza da dos humanistas italianos; isto sem esquecer que Erasmo parte para a sua edição do *Novum Testamentum* depois de atentar nas *Annotationes* de Valla. É que, em sede teológica, traduzir *logos* por *sermo* não significava a mesma coisa, em 1516, que traduzir *logos* por *verbum*, se bem que uma importante tradição textual patrística suportasse aquela. E, no entanto, quer em Erasmo quer em Poliziano e em Valla, a atitude perante o texto fundava-se em idênticos pressupostos: o *nome* é índice da realidade e a linguagem é índice da razão. A expressão é, portanto, homológica do conceito; por isso o texto permite discernir e julgar o pensamento e a sua qualidade: texto «corrompido» é índice de *corrupção* das ideias. Toda a actividade pedagógica de Erasmo consistiu em relacionar intimamente *verba* e *res* no plano da *pietas*, isto é da verdade no peito do cristão. Ou, por outras palavras, como o demonstra Vives, dispondo o homem da linguagem para se dirigir a Deus, compete ao bom cristão purificar as suas *preces* enquanto textos manifestadores da sua *pietas*. A dois séculos do achado do *Pro Archia*, o legado mantinha-se. Era a mesma atitude mental que Poliziano exprimia neste passo das suas *Miscelâneas*, que a Autora cita na p. 226: «codicem illum vetustissimum ... sum nactus..., minus multo quam caeteri deformatum, inquinatum, perversum, conturbatum»: a riqueza do vocabulário caracterizador do estado do códice (o Mediceu das *Familiares* ciceronianas) é eloquente: o humanista reagia profundamente à impureza do texto e, por conseguinte, ao escurecimento do seu significado.

O esforço filológico dos humanistas, na sua campanha contra as *corruptiones* dos copistas medievais, assumia, desta feita, o sentido de um trabalho em busca da verdade e de um esforço pedagógico em divulgá-la. Esse era, cremos, também o sentido profundo dos *studia humanitatis*, mesmo para aqueles que se definiam como *christiani, non ciceroniani*.

JORGE A. OSÓRIO

FURIO MURRU e GIUSEPPE PESSOLANO FILOS, **Alla riscoperta della didattica del latino in Italia nel Settecento e nell'Ottocento**, Roma, Edizioni Nuova Rivista Pedagogica, 1980, 115 pp.

O presente trabalho, que se insere na linha de investigações levadas a cabo pelo Instituto de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Turim e em especial pelo Prof. G. Proverbio (v. pp. 6 e 7 e n. 2), traz um contributo apreciável à história da pedagogia do latim.

Não está na intenção da obra, de carácter divulgativo, com objectivos logo de início bem delimitados, um estudo global e muito menos exaustivo da problemática. Os autores preferiram enveredar pela apresentação de algumas persona-

lidades «menores», simples mestres de latim, na maior parte desconhecidos, que nem por isso deixaram de assumir o papel de pioneiros na época difícil da transição de uma pedagogia antiga para uma pedagogia moderna do latim, de acordo com as novas tendências educativas que então começam a irradiar por toda a Europa. Na verdade, estes mestres, que tentaram uma remodelação radical de concepções e métodos na aprendizagem desta língua, situam-se todos no período compreendido entre meados do séc. XVIII e um pouco mais além da primeira metade do séc. XIX, abarcando o que de mais importante se fez neste período, com respeito à pedagogia do latim, em toda a área geográfica de expressão italiana.

Não sem compreensíveis dificuldades, os autores agrupam, segundo temas assinalados por capítulos e suas subdivisões, a explanação de considerações metodológicas, e mesmo de filosofia da linguagem, dos mestres acima referidos.

Assim, no primeiro capítulo, «Lettura dei classici e grammatica strumentale» oferecem-se perspectivas de quatro autores: A. Bandiera, G. Tagliacuzzi, L. Perez de Vera e C. Giordano. O segundo, «Alla ricerca di fondazioni teoriche per un intervento metodologico», apresenta-nos A. Zorzi, V. Rosi e R. Lambruschini. São objecto de análise do capítulo seguinte, «Alla ricerca di fondazioni teoriche per un insegnamento linguistico non tradizionale», autores como F. Soave, D. Pesavento, N. Tommaseo e R. Bobba. O capítulo quarto versa exclusivamente «Il latino nella proposta educativa "globale" di A. Rosmini» — porventura o mais importante teórico dos mestres aqui tratados e, no dizer dos autores, talvez o único que «si sia impegnato in una attività educativa, didattica e linguistica preparatoria e comprensiva dello studio e dell'apprendimento della lingua latina» (p. 10). O último capítulo resume, numa panorâmica global, as principais preocupações, comuns a todos estes autores-críticos do método tradicional do ensino do latim: a ideia da primazia da língua materna; a redução do ensino da gramática aos aspectos essenciais, em favor da prática da leitura e tradução dos clássicos; a interdependência entre o estudo do latim e da língua materna, etc. Faz-se referência ainda, em apêndice, a um autor, G. D. Pisceria, só descoberto no termo das investigações. Por último, há uma nota bibliográfica sobre os autores apresentados.

Em parte devido à seriação de temas que foi seguida, o livro ressent-se um pouco do seu carácter difuso, nem sempre conseguindo individualizar os princípios metodológicos de cada um dos autores estudados.

Por outro lado, é sensível uma falta de articulação entre os princípios didáctico-pedagógicos expostos nas obras analisadas e as reflexões de filósofos da educação como Locke, Rollin e Fénelon, cujas influências são mais que evidentes em algumas das considerações e mesmo no espírito destes autores italianos, defensores da nova pedagogia (1).

(1) A influência desses filósofos foi bem notória por toda a Europa. Em Portugal, por exemplo, e ainda no séc. XVIII, os problemas de uma pedagogia nova, que envolve necessariamente o latim, merecem já o interesse de autores como Martinho de Mendonça (v. J. Ferreira Gomes, *Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica. Com a edição crítica dos «Apontamentos para a educação de hum menino nobre»*, Coimbra, 1964, pp. 207-208 e 352 e sqq.), Luís António Vernei (que dedica

Pensamos contudo que um dos interesses prioritários desta obra consiste na apresentação não já de teóricos da educação, mas de mestres que, de forma concreta, contribuíram para abrir novos rumos no ensino do latim. Os problemas por eles levantados e as suas propostas de resolução não estão isentos de actualidade (2) e poderão bem servir de estímulo a estudos mais específicos, capazes de trazer ainda hoje sugestões e novidades no domínio da pedagogia do latim.

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

IIRO KAYANTO, *Classical and Christian studies in the Latin Epitaphs of Medieval and Renaissance Rome*. Annales Academiae Scientiarum Fennicae. Sarja — Ser. B Nide-Tom. 203. Suomalainen Tiedeakatemia — Helsinki 1980.

Parente pobre da epigrafia clássica (autêntica mina de informações de toda a ordem), a epigrafia latina pós-clássica pouca atenção tem merecido dos estudiosos. Excepção feita ao trabalho, fundamental de resto, de coligir e editar as inscrições, tardam em surgir as análises sistemáticas do material epigráfico existente, cujo contributo para a História e Filologia seria inegável. Consciente da necessidade destes estudos está KAYANTO quando, ao referir-se às razões do seu trabalho, diz: «The present book is an attempt to fill a gap in the study of pos-classical latin epigraphy» (p. 8).

a segunda e terceira cartas do seu *Verdadeiro método de estudar*, Valença, 1746, pp. 59-112 à reforma do ensino do latim), António Nunes Ribeiro Sanches (v. *Carta sobre a educação da mocidade*, Colónia, 1760), etc.

É curioso notar que, por nítida inspiração dos filósofos citados, as soluções propostas por estes autores portugueses são muito semelhantes ou mesmo coincidentes com as enunciadas por estes autores italianos.

(2) Também hoje como no séc. XVIII o latim é uma língua em crise e tem sido objecto de numerosas discussões, quer no que respeita à pedagogia usada, quer no que respeita à sua utilidade e função no currículo escolar (v. Georges Pire, *Le latin en question. Vues modernes sur l'étude des langues anciennes*, Liège, 1971).

Em Portugal, realizou-se em 1973, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, um colóquio, onde se debateu a posição do latim no actual ensino e os problemas pedagógicos a ele ligados (v. *Colóquio sobre o ensino do latim. Actas*, Coimbra, 1973).